

Constituintes debatem o uso da gravata

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Ontem foi uma tarde de curiosidades na sessão da Constituinte: um deputado subiu à tribuna sem gravata e discursou; outro passeou várias vezes dentro do plenário com o filho de dois anos de idade, e, finalmente, uma deputada escorregou e se estatelou no chão.

Quem subiu à tribuna sem gravata foi o deputado Gumerindo Milhomem (PT-SP), o mesmo que, dias atrás, em sua estréia, queria à força que os constituintes em plenário parassem de conversar para ouvi-lo. Ele já estava falando, conclamando os parlamentares do seu grupo a mobilizar o povo para fazer pressão sobre a Constituinte, quando o presidente da sessão, o deputado Humberto Souto (PFL-MG), percebeu que o orador estava de paletó, mas sem gravata. Souto ficou um momento sem saber o que fazer; ouviu seus assessores, depois resolveu apressar o término do discurso, fazendo soar várias vezes a campainha. Chegou a desligar o microfone, mas no momento em que o orador concluía o discurso. A seguir, dirigindo-se ao plenário, disse que não mais será admitida a presença, na tribuna, de constituinte que não esteja "trajado como determina o regimento".

FORA DE RUMO

"Em que dispositivo regimental V. Exa. se baseia?" — perguntaram-lhe os deputados Amaury Muller (PDT-RS) e Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), assinalando não haver dispositivo regimental que exija uso de gravata. "Eu me baseei nas normas regimentais e nos costumes parlamentares" — explicou o presidente da sessão.

"Mas os usos e costumes mudam com o tempo" — insistiu Plínio de Arruda Sampaio. "V. Exa. mesmo, com esse paletó e gravata, não estaria adequadamente trajado para presidir uma sessão em 1840 ou 1850. Os trajes eram muito cerimoniais. Vestido assim, teria escandalizado meu avô."

"Esta discussão sobre o uso ou não da gravata — disse, por sua vez, Virgílio Guimarães (PT-MG) — mais uma vez demonstra que esta Assembléia vem, seguidamente, se desviando do seu objetivo central."

Mal havia terminado esse episódio, o deputado Cássio Cunha Lima (PMDB-PB), de 23 anos, trazendo pela mão seu filho Diogo, de 2 anos de idade, cumprimentou alguns deputados, conversou um pouco e saiu, sem que Humberto Souto — distraído com a leitura de algum documento — tivesse notado. Mas pouco depois voltou e andou pelo corredor central. O menino soltou-se de sua mão, caminhou entre as bancadas, foi tomado no colo por um dos constituintes, e então, como os fotógrafos já estivessem em ação, Humberto Souto teve sua atenção despertada, fez, com a cabeça, sinais de desaprovção mas, como o deputado já ia saindo, não tomou nenhuma providência.

Durante as sessões, somente os constituintes podem transitar entre as bancadas. O deputado, porém, na saída ainda posou para fotógrafos e, a pedido de um cinegrafista, caminhou por uma das laterais do plenário.

Aí foi a vez da deputada Márcia Kubitschek (PMDB-DF), que, ao passar pela frente do plenário, pisou na rampa da Mesa — obra de Oscar Niemeyer, de quem seu pai foi muito amigo —, desequilibrou-se e foi ao chão. Essa rampa já fez muitos outros parlamentares perderem o equilíbrio.

GUARDA-ROUPA LEGISLATIVO

A gravata — que se apresentou ao público pela primeira vez no século XVIII, num desfile de oficiais croatas diante de Luiz XIV, em Versailles, segundo o senador Afonso Arinos (PFL-RJ) —, ainda é capaz de suscitar acesas polêmicas em pleno século XX, no Brasil, como se viu ontem na Assembléia Nacional Constituinte.

"Nunca deixei de usar gravata — diz o jovem senador José Fogaça (PMDB-RS), compositor de reputação nacional —, porque não quero que o conteúdo de minhas propostas fique comprometido com a análise do meu comportamento pessoal." Usando guarda-roupa esportivo e jovial, ele julga que o deputado Aluísio Paraguaçu (PDT-RS) "foi vítima de processo trágico, ao se deixar fotografar sem camisa numa cabine telefônica da Câmara. Nunca mais conseguiu dizer nada, sem que o fato fosse lembrado".

Paraguaçu, que se elegeu duas vezes deputado federal, não tem, porém, o mesmo diagnóstico: "O fato me abriu as portas de todas as repartições. O pessoal me recebia com festas. Os funcionários me saudavam: o senhor é o homem da gravata. O povo não gosta de gravata e é sempre discriminado por estar malvestido".

Nos seus 82 anos, Afonso Arinos não partilha do mesmo ponto de vista: "Quem aparece sem gravata quer chamar atenção. O uso da gravata não é prescrito pelo regimento, é costume". Ele lembra que "a gravata é recente no vestuário masculino, vem da palavra croata, traje ornamental de tropas croatas que desfilaram perante Luiz XIV, com faixa rendada ao pescoço".

O senador Luiz Vianna Filho (PMDB-BA), deputado federal desde 1934, a propósito, prefere citar os costumes do passado, registrados por Gilberto Freyre, sociólogo e seu colega de Constituinte em 1946, segundo o qual "Joaquim Nabuco, ao chegar de terno claro à Câmara, no Império, causou escândalo. Estácio Coimbra foi impedido pelo pai de presidir a Assembléia Legislativa de Pernambuco, já na República, por estar de roupa clara".

Recentemente, o deputado-cacique Mário Juruna (PDT-RJ) resistiu muito, de início, mas terminou por se aculturar submetendo-se à "tirania" da gravata.



Cássio leva o filho. Milhomem fala sem gravata. A Constituinte assume a descontração brasileira

Alencar Monteiro